

“Ninguém deveria se preocupar se o parceiro transa com outra pessoa”: Uma análise da militância não-monogâmica de Regina Navarro Lins

Antonio Cerdeira Pilão¹

Resumo: Neste artigo analiso o papel desempenhado por Regina Navarro Lins no processo de publicização das relações não-monogâmicas no Brasil. O objetivo é compreender que tipo de saberes sobre poliamor são (re)produzidos em seus discursos e, principalmente, pensar as consequências geradas tanto nos movimentos não-monogâmicos quanto na construção de um debate público sobre o tema no país. Para tanto, recorro ao seu livro de maior sucesso de vendas (“A Cama na Varanda”), ao seu blog no UOL, à sua página no Facebook, às suas matérias publicadas no “Jornal do Brasil” e àquelas que fazem referência a ela.

Palavras-chave: Não-monogamia; Poliamor; Sexualidade; Mídia.

“No one should worry about whether the partner has sex with another person”: An analysis of the non-monogamous activism of Regina Navarro Lins

Abstract: In this article I analyze the role played by Regina Navarro Lins in the process of publicizing non-monogamies in Brazil. The purpose is to understand what kind of knowledge about polyamory is (re) produced in her discourses and, mainly, to think about the consequences generated both in non-monogamous movements and in the construction of a public debate on the subject in the country. To do so, I analyze her best-seller book (“A Cama na Varanda”), as well as her UOL blog, her Facebook page, her articles published in “Jornal do Brasil” and those that refer to her.

Keywords: Non-monogamy; Polyamory; Sexuality; Media.

¹ Doutor (e Mestre) em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: tonipilao@gmail.com



Regina Navarro Lins é psicanalista e escritora, autora de 11 livros sobre relacionamento amoroso e sexual, entre eles o best seller ‘A Cama na Varanda’ e ‘O Livro do Amor’. Atende em consultório particular há 39 anos, realiza palestras por todo o Brasil e é consultora e participante do programa ‘Amor & Sexo’, da TV Globo. Nasceu e vive no Rio de Janeiro.²

Introdução

Este trabalho apresenta alguns resultados da pesquisa de doutorado que realizei entre os anos de 2013 e 2017, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nessa pesquisa, mostro como o poliamor se desenvolveu no Brasil, analisando a construção de um debate público no país.

O termo “poliamor”, criado nos Estados Unidos, nos anos 1990, se refere à possibilidade de estabelecer múltiplos vínculos afetivos e sexuais de forma concomitante, consensual e igualitária (PILÃO, 2012). Em 2007, esse termo ganhou visibilidade no Brasil com a publicação de uma nova edição do livro “A Cama na Varanda”, de Regina Navarro Lins, que, a partir de então, se transformou na principal figura pública a tratar sobre esse tema no país.

Assim, este artigo consiste numa análise da trajetória de Regina Navarro Lins. O objetivo é mostrar a disputa moral travada em torno da monogamia e do poliamor que é revelada a partir da atuação pública de Regina Navarro Lins.

Início apresentando como se transformaram os seus discursos sobre sexo e casamento e em que momento de sua trajetória a defesa de múltiplos vínculos afetivos e sexuais foi iniciada. Em seguida, mostro como os seus leitores reagiram às críticas dirigidas à monogamia e à defesa do poliamor. Por fim, investigo como o seu trabalho foi recebido por aqueles que se identificam como não-monogâmicos.

A pesquisa, realizada na Hemeroteca Digital Brasileira, se concentrou no Jornal do Brasil, periódico com o maior número de referências a Regina Navarro Lins e no qual ela publicou artigos em duas colunas entre os anos de 1997-2000 e 2003-5. Além disso, recorri ao seu livro de maior sucesso de vendas (“A Cama na Varanda”), ao seu blog no UOL, à sua página no Facebook e a três entrevistas em profundidade que realizei em 2015 com lideranças da Rede Relações Livres (RLi)³.

² Foto e descrição disponíveis no dia 29.11.2015 no blog <http://reginanavarro.blogosfera.uol.com.br/>.

³ “A Rede Relações Livres (Rede RLi) é uma rede social real e prática, formada por diversas pessoas e grupos espalhados principalmente pelo Brasil. A Rede RLi tem como objetivo livrar-se do tabu da monogamia (norma moral de exclusividade sexual e afetiva) através da conformação de relações livres: relações que

I - A emergência da especialista

Entre os anos 1992-4, Regina Navarro Lins começou a ganhar visibilidade na mídia com a sua participação no Centro Integrado em Grupo (CIG), sendo divulgado no “Jornal de Brasil” (JB) palestras gratuitas sobre sexo e casamento e atividades de terapia em grupo realizadas na sede em Copacabana, no Rio de Janeiro.

O aumento do conhecimento a seu respeito fez com que, a partir de 1995, ela passasse a ser entrevistada com maior frequência em matérias sobre diferentes temas ligados à sexualidade. Em 4 de Maio de 1996, foi publicado no mesmo jornal a criação de um programa na rádio Cidade, o “Sexcidade”, apresentado por ela. A ideia de que poderia ajudar na libertação da sexualidade já estava presente nesse momento, de modo que se falava que Regina Navarro Lins contribuiria para “desfazer tabus”.

Com a repercussão do programa “Sexcidade”, o livro “A Cama na Varanda”, lançado em março de 1997, foi divulgado em diferentes veículos de comunicação. As primeiras referências às ideias de “fim do patriarcado” e “crise do amor romântico” passaram a ser feitas no “Jornal do Brasil”. Ainda assim, deve-se destacar que a monogamia permanecia fora do centro de discussão, sendo recorrentemente tratadas as dificuldades oriundas do casamento heterossexual.

A primeira menção de Regina Navarro Lins, no JB, a relações consensuais envolvendo mais de duas pessoas foi feita em matéria de 24 de agosto de 1997, quando a jornalista Marília Sampaio escreveu sobre a peça de teatro “Coração na boca”. Regina Navarro Lins foi convidada a falar sobre o assunto e comentou que em todos os filmes que abordavam o tema da relação a três o final era sempre trágico, envolvendo mortes e que, por conta do “moralismo” na sociedade, não haveria espaço para que as pessoas tentassem inovar em seus relacionamentos.

Nesse momento, ela ainda não via o relacionamento entre mais de duas pessoas como uma tendência, afirmando que as pessoas estariam tão presas ao amor romântico que não conseguiriam “enxergar mais nada”. Também é importante destacar que não havia nas matérias analisadas menção aos termos monogamia, poliamor e nem mesmo à “relação aberta”, que já era de conhecimento público desde a década de 1970.

II - “Conversa na varanda” e as críticas ao amor romântico

O crescimento de visibilidade de Regina Navarro Lins, devido ao livro “A Cama na Varanda”, culminou, em 1998, em uma coluna no “Jornal do Brasil”, aos domingos, intitulada “Conversa na Varanda”.

A primeira coluna, publicada em 1º de março de 1998, abordou criticamente o amor romântico, defendendo “outras formas de amar”. Essas, no entanto, não chegaram a ser nomeadas, limitando-se a autora a sugerir “experimentarmos sensações desconhecidas”. O que diferia do amor a dois era retratado como “desconhecido”, como “inovação”.

A monogamia foi abordada pela primeira vez em uma matéria do dia 18 de março de 1998, em que a psicóloga afirmou que a instituição causou o aprisionamento feminino com o objetivo de garantir a certeza da paternidade. Com a criação da pílula anticoncepcional, o controle patriarcal teria perdido espaço. Ainda assim, Regina Navarro Lins não afirmou que o declínio do modelo patriarcal estaria representando o fim da monogamia, tese que se desenvolveu apenas nos anos seguintes.

respeitem a liberdade afetiva e sexual das pessoas, priorizando a autonomia e emancipação dos indivíduos”. Disponível no dia 20.02.2017 em: <http://relacoeslivres.com.br/>

Em uma matéria escrita por um jornalista do JB no mesmo mês, comentou-se a respeito de uma pergunta feita para Regina Navarro Lins durante uma palestra: “como fazer para manter relações sexuais com outro homem sem magoar o marido?”. A sua resposta foi que esse não seria um assunto que caberia ao marido, mas apenas à própria pessoa. Essa resposta se repetiria em inúmeras vezes ao longo de sua carreira, já que ao invés de afirmar a importância do pacto monogâmico, propondo a sua obediência ou, como fazem os poliamoristas⁴, a sua superação, defendeu que os cônjuges não precisam saber desses desejos e de possíveis relacionamentos.

Em 21 de abril do mesmo ano, Regina Navarro Lins construiu uma crítica ao ciúme e à exigência de exclusividade: “como são poucos os que se sentem autônomos, observa-se uma busca generalizada de vínculos amorosos que permitam aprisionar o parceiro, mesmo à custa da própria limitação”. A crítica à exclusividade ainda não foi acompanhada da menção a arranjos não-monogâmicos, recaindo, sobretudo, na minimização da interpretação da infidelidade como a principal inimiga de um relacionamento saudável. Nesse sentido, afirmou que quem tem autoestima não supõe que será “trocado com facilidade e se a relação terminar sabe que vai continuar vivendo”.

Outras matérias abordaram a crise do casamento, colocando a solteirice como saída. Numa dessas matérias, intitulada “amor e sexo no século XXI”, publicada em sua coluna no dia 23 de agosto de 1998, ela contou o caso de um homem divorciado, de 58 anos, que tentou reconstruir uma família com uma mulher sete anos mais nova, que preferiu se manter solteira para não reprimir o seu desejo sexual.

No dia 27 de Julho de 1999, ela escreveu matéria intitulada “Amar duas pessoas ao mesmo tempo”. Embora o título sugerisse que abordaria a temática do poliamor, ela escreveu sobre um filme que narra a história de um homem que mantinha relações extraconjugais e resolve contar à esposa, que acaba cometendo suicídio⁵. Regina Navarro Lins mencionou que foi gerada uma revolta em relação ao filme em função do marido não ter se sentido culpado pela morte da esposa. Ela argumentou que essa repercussão negativa do filme mostra como se perpetua o ideário de que só é possível amar a uma pessoa por vez. Contrariando essa perspectiva, ela afirmou, com as mesmas palavras que usaria inúmeras vezes na década seguinte ao falar de poliamor:

“Não há dúvidas de que podemos amar duas pessoas ao mesmo tempo. Não só filhos, irmãos e amigos, mas também aqueles com quem mantemos relacionamentos afetivo-sexuais. E podemos amar com a mesma intensidade, do mesmo jeito ou diferente. Acontece o tempo todo, mas ninguém gosta de admitir”.

No dia 20 de setembro do mesmo ano, em um ciclo de palestras gratuito coordenado por ela sob organização do Jornal do Brasil, estavam na programação debates sobre o “futuro do amor”: amor na internet, amor a três e amores múltiplos. Os palestrantes eram, além da própria Regina Navarro, José Ângelo Gaiarsa e Luiz Carlos Maciel. Em matéria realizada no jornal sobre o debate, uma única menção à discussão sobre amores múltiplos foi feita e pela psicóloga: “essa coisa de só amar uma pessoa por vez é uma mesquinha afetiva”.

Embora Regina Navarro Lins tenha problematizado a exclusividade, não apareceu a ideia de construir um relacionamento não-monogâmico, no qual fosse acordada a possibilidade de relações entre mais de duas pessoas. O objetivo foi questionar a importância da fidelidade, afirmando que um “casamento não é um confessionário”, sem, no entanto,

⁴ Categoria identitária referente a todos aqueles que vivem (ou que desejam viver) o poliamor.

⁵ A história se refere ao filme “As duas faces da felicidade” (*Le bonheur*, 1965).

sugerir a revisão do pacto monogâmico. Essa ideia foi expressa em matéria publicada em sua coluna no dia 30 de setembro de 2001:

“Sentir tesão por alguém que não seja o parceiro fixo, todos sentem. Se vai ou não viver uma experiência sexual com essa pessoa, depende da visão que cada um tem do amor e do sexo. No entanto, *contar ao parceiro que tem atração por outro é eliminar totalmente a privacidade e transformar uma relação amorosa em confissão* (...) Há os que se sentem culpadíssimos quando percebem sentir desejo sexual por outra pessoa. Contam para o parceiro, tentando expiar o pecado para, depois de perdoados, se sentirem novamente protegidos nesse mundinho irreal” (Grifos meus).

Não se trata de dizer que uma relação amorosa pode ser consensualmente não exclusiva, mas apenas em afirmar que essa exclusividade não precisa ser seguida à risca. Regina Navarro Lins procurou legitimar a infidelidade e a solteirice, já que acreditava que ambas proporcionariam maior felicidade ao casal do que uma união efetivamente exclusiva.

Nos anos 1990, o poliamor ainda não era um conceito de conhecimento público no Brasil e não aparecia nos textos de Regina Navarro Lins. Ainda assim, sobretudo a partir do final da década ela passou a abordar a possibilidade de amar a mais de uma pessoa ao mesmo tempo e de estar casado e manter relações sexuais fora do casamento. No entanto, preservouse a monogamia enquanto regra, apenas colocando a infidelidade como um mal menor do que a repressão sexual.

Essa leitura, embora guarde semelhanças com o poliamor, difere dele na medida em que não menciona a construção de um acordo de superação da monogamia. A solução estaria na afirmação de que o “casamento não é um confissão”, enquanto os poliamoristas diriam que é possível se sentir feliz com os relacionamentos dos parceiros e, por isso, estabelecer mais de um vínculo simultâneo de forma consensual. Para tanto, eles empregam o conceito de “compersão”, representado como o sentimento oposto ao ciúme e descrito como o contentamento quando o parceiro ama ou é amado por outros. (PILÃO, 2012a)

Cabe ainda enfatizar que na abordagem de Regina Navarro Lins há maior destaque para a esfera sexual do que para a amorosa, de modo que a construção de relacionamentos amorosos estáveis, concomitantes e consensuais não é colocada em questão. O amor por mais de uma pessoa ao mesmo tempo é mencionado, mas logo visto como um problema para a ordem social e especulado como o “amor do futuro”.

III - Os anos 2000 e “o futuro que se anuncia”

Até a criação de uma nova coluna no “Jornal do Brasil”⁶, em 2003, não houve grandes mudanças em seu discurso. O jornal, que já descrevia Regina Navarro Lins como “polêmica” e “à frente do seu tempo”, passou a publicar comentários de leitores favoráveis e contrários às colunas. Entre os primeiros, esteve um que lamentava o seu retorno ao “Jornal do Brasil”: “Havia tempo que não comprava o JB aos sábados e eis que me deparei com a notícia do retorno de Regina Navarro Lins ao jornal. Confesso que fiquei embasbacado. Esta senhora adora defender a promiscuidade, as separações e a destruição familiar além de criticar o sentimento amor”. Na edição seguinte, o jornal publicou um novo comentário crítico de uma leitora: “Concordo com os comentários do leitor acerca da sexóloga. Embora ela tenha

⁶ A última matéria publicada na coluna “Conversa na Varanda” foi em 14 de outubro de 2001. Em 2002, Regina Navarro Lins lançou a revista “Muito Prazer” e publicou textos no extinto site www.camanarede.com.br. No final de 2003, voltou ao “Jornal do Brasil” para escrever a coluna “Conversa Íntima”, mantendo-se até o final de 2005.

voltado mais comedida, me parece que suas opiniões são de cunho pessoal e não embasadas na ciência e na realidade atual. Maior exemplo é o fato dela acreditar que ninguém precisa de uma família ‘normal’ para ter bom psicológico”.

No dia 13 de dezembro de 2003, Regina Navarro Lins se aproximou mais da defesa de relacionamentos não-monogâmicos ao escrever sobre a crise do casamento, sugerindo o rompimento definitivo com a exclusividade sexual: “Uma relação entre duas pessoas que, por terem desenvolvido a capacidade de ficar bem sozinhas e não depender do outro conseguem preservar suas próprias ideias, seu direito de ir e vir – com amigos e programas em separado – sem nenhum tipo de controle, inclusive sexual”.

Ainda assim, permaneceu uma aura de mistério sobre como funcionaria a liberdade sexual proposta por ela, o que é reforçado pelo fato de não terem sido mencionados casos concretos de relacionamentos não-monogâmicos. A partir de maio de 2004, os primeiros relatos de relações sexualmente não exclusivas passaram a ser publicados na coluna, dando um pouco mais de forma às afirmações antes muito genéricas sobre o assunto. O primeiro deles foi de uma mulher divorciada e com um filho de 12 anos que diz ter optado por não manter mais parceiros fixos. Foi também nesse ano, em 24 de julho, que Regina Navarro Lins escreveu pela primeira vez sobre o swing. Em 19 de março de 2005, acrescentou que a relação amorosa fixa e estável com uma única pessoa pode estar com os seus dias contados. A coluna se encerrou no final do ano de 2005, sem que ela tenha escrito sobre o poliamor.

IV - Descobrimo o poliamor

Em 2007, na nova edição de “A Cama na Varanda”, em que foi incluída uma parte intitulada “O futuro que se anuncia”, o poliamor foi finalmente abordado.

No prefácio, Regina Navarro Lins defendeu que o poliamor poderá se tornar a mudança na vida amorosa mais importante desde a “revolução sexual”. Ela escreveu sobre o tema como uma novidade, afirmando estar iniciando naquele momento uma transformação social nesse sentido. Embora sem precisar a data da pesquisa realizada no Google com a palavra “poliamor”, disse ter encontrado apenas 769 resultados, contrastando com as 840 mil da palavra em inglês (*polyamory*)⁷. Apesar disso, na mesma semana teria ouvido no consultório de uma paciente que se tornara poliamorista e recebido um pedido de entrevista sobre o tema.

A primeira matéria que encontrei sobre poliamor na imprensa brasileira é de 18 de outubro de 2006, na revista “Isto É”⁸: “Eles acham possível, natural e até saudável amar e ser amado por mais de uma pessoa ao mesmo tempo. São os adeptos de um movimento chamado poliamor”. A nova edição do livro “A Cama na Varanda” foi o que motivou a matéria, de modo que Regina Navarro Lins foi entrevistada, declarando: “Tive de incluir o poliamor [no livro] por causa de seu crescimento e da perspectiva de que ele substitua a monogamia romântica no futuro”.

⁷ Esses números, no entanto, parecem imprecisos na medida em que em março de 2005, segundo Ani Ritchie e Meg Barker (2006), seriam cerca de 170 mil resultados para o termo em inglês e, no dia 24 de novembro de 2015, ainda se verificou um número inferior ao relatado por Regina Navarro Lins, 688 mil. Ainda assim, a afirmação da quase inexistência de referências no Brasil coincide com o depoimento dado em entrevista pelo pesquisador e militante português Daniel Cardoso que afirmou que até 2006 eram muito raras as referências aos termos poliamor ou poliamoria. Em sua dissertação de mestrado, publicada em 2010, conta que em setembro deste ano havia 23.900 resultados, contrastando com os 318 mil resultados para o termo em inglês. Quando iniciei a pesquisa em 2011 já havia 157 mil resultados em português. Em janeiro de 2016 eram cerca de 370 mil.

⁸ Disponível no dia 06.12.2015 em: [Http://www.istoe.com.br/reportagens/paginar/4456_AMOR+DEMAIS/](http://www.istoe.com.br/reportagens/paginar/4456_AMOR+DEMAIS/)

No dia primeiro de junho de 2007, uma matéria no “Jornal do Brasil”, também sobre a nova edição do “A Cama na Varanda”, deu amplo destaque ao tema do poliamor. A descrição na capa do jornal era: “A sexóloga Regina Navarro Lins levanta a bandeira do poliamor” e o título da matéria: “Dois é pouco: sexóloga acredita que o poliamor é o futuro das relações”. Na entrevista, ela afirmou que o poliamor, diferentemente dos movimentos ocorridos nos anos 1960-1970, que teriam se restringido aos hippies, iria se generalizar. Ao lado de sua foto veio escrito a palavra “polêmica” seguida por “Regina Navarro Lins aponta o fim de modelos de relacionamento tradicionais”.

Ao ser perguntada sobre como será o casamento do futuro, respondeu que as pessoas terão vários parceiros, cada um predominando em uma área: “um é bom de viajar, o outro para ir ao cinema (...) No poliamor, o que importa é que ela seja amada, respeitada e valorizada”. Três comentários de leitores foram publicados na edição seguinte. No primeiro, afirmou-se nunca ter lido tanta “poliasneira”, condenando a defesa da “promiscuidade” e a consideração do sexo como a questão mais importante da vida. No segundo, afirmou-se existir uma coisificação de pessoas e uma valorização excessiva do ego. No terceiro, ressaltou-se a coragem de Regina Navarro Lins de defender ideias “tão incomuns”.

V - A militância virtual de Regina Navarro Lins e os debates na internet

Regina Navarro Lins, desde 2012, mantém uma página no Facebook dedicada a promover debates sobre amor e sexo, além de um blog no UOL em que realiza enquetes e discussões a partir de relatos enviados por internautas. São recorrentes as situações que envolvem triângulos amorosos e casos de infidelidade.

A sua preocupação está em mostrar que a exclusividade afetiva e sexual não deve ser uma necessidade, já que geraria enorme frustração nos envolvidos e comprometeria a qualidade das relações. Nesse sentido, caminha na mesma direção dos poliamoristas ao afirmar que relações não-monogâmicas são possíveis e extremamente desejáveis na medida em que, em geral, se adequariam melhor às necessidades dos envolvidos.

Algumas de suas frases colocadas para debate são semelhantes ou até idênticas às matérias de suas antigas colunas: “O verdadeiro ato de amor é o que garante a quem amamos a liberdade de amar, além e apesar de nós e de nosso amor”. “De qq forma – discreto ou exagerado – o ciúme é sempre tirano e limitador. Não só para quem ele é dirigido, mas também para quem o sente”. “Numa relação amorosa busca-se + segurança q prazer. As pessoas exigem exclusividade, o q é limitador e tb responsável pela falta do tesão”. Apoiando-se em Wilhelm Reich e José Ângelo Gaiarsa, diz que as restrições trazidas pela repressão dos desejos são mais graves do que as da “infidelidade”:

“Reprimir os verdadeiros desejos não significa eliminá-los. O parceiro que teve excessiva consideração tende a se sentir credor de uma gratidão especial, a considerar-se vítima, a tornar-se intolerante. Quando a fidelidade não é natural nem a renúncia gratuita, o preço se torna muito alto e pode inviabilizar a própria relação”⁹.

Além de apresentar diferentes formas de relações não-monogâmicas e estimular as pessoas a abrirem seus relacionamentos, Regina Navarro Lins vê uma transformação social em curso nesse sentido, de modo que cada vez um número maior de pessoas estaria vivendo múltiplas relações simultâneas. A afirmação do futuro como não-monogâmico faz parte de uma narrativa evolutiva que compreende o “passado” como patriarcal, repressor

⁹ Disponível no dia 23.11.2015 em <http://reginavarro.blogosfera.uol.com.br/2014/09/23/sem-exclusividade-sexual>

e limitador da liberdade feminina. Ela argumenta que esse patriarcalismo está sendo rompido e que com a “emancipação feminina” a sexualidade se desarticulou do casamento.

Ser não-monogâmico é visto como uma forma de superar um passado pernicioso e limitador. Assim, viver um comportamento que será predominante no “futuro” é estar na vanguarda, à frente do seu tempo, abandonando uma estrutura tradicional e religiosa que, embora falida, ainda é perpetuada pela maioria das pessoas.

Outro elemento apresentado por Regina Navarro Lins que colocaria a monogamia em desvantagem é que ela não seria natural, mas uma instituição rara, já que, segundo afirma, a maior parte das culturas aceitaria a poligamia. Tanto o desejo quanto a afetividade seriam naturalmente não exclusivos e sua limitação imposta por sociedades monogâmicas seria perversa.

Embora não seja incomum que não-monogâmicos expliquem a monogamia como contrária à natureza, há uma tendência a afirmar os comportamentos humanos como predominantemente sociais e psicológicos e não como naturais. Além disso, a associação que Regina Navarro Lins faz do “natural” como intrinsecamente positivo é alvo de críticas em um grupo não-monogâmico no Facebook: “Precisamos urgentemente extirpar a conotação positiva da palavra ‘natural’. A natureza é zoada: cruel, indiferente, imperfeita... e não cabe a ela nos ditar o que é bom e o que é mau”.

A leitura que Regina Navarro Lins faz da monogamia não abre espaço para ambiguidades; ela se tornou uma defensora explícita da ampliação das experiências e dos prazeres sexuais, do poliamor e da superação da exclusividade sexual. Seus leitores muitas vezes mostram repugnância por suas colocações. Outros concordam com a autora e recorrem frequentemente a utilizá-las para legitimar suas ideias.

As defesas da monogamia são construídas sobre diferentes pontos de vista. Em um deles, acusa-se os não-monogâmicos de serem egocêntricos e de não saberem amar, já que estariam voltados apenas para a satisfação de desejos sexuais. A relação a dois é vista como a única que seria efetivamente uma escolha, fruto de um elo amoroso, que necessita sacrifícios, sofrimentos e maturidade para lidar com os desafios intrínsecos ao casamento. Um dos internautas afirma que em relações não-monogâmicas “a pessoa não ama ninguém, ela ama a ela mesma”.

O descrédito das relações não-monogâmicas incide, sobretudo, na inexistência de amor e de preocupação com o outro. Até mesmo o poliamor, que se legitimaria afirmando a possibilidade de relações amorosas e intersubjetivas, não é aceito pelos mais críticos, que veem esses vínculos como “superficiais” e “doentios”. Nesse sentido, um internauta afirma que: “Não só a três, mas 4,5,6,7...15. O resultado é sempre o mesmo: Sexo, orgias, desejos momentâneos, vergonha. Não se busca estabilidade, organização, integridade”. Em outro comentário se afirma que: “Relação a 3 ou mais é um problema de falta de identidade e doentia. Com todo o respeito a comentários, todos nascemos para pertencermos a uma relação saudável, relação a 3 gera sérios problemas emocionais”.

Os casos de internautas mais frequentemente apresentados por Regina Navarro Lins são aqueles que envolvem desejo e relações sexuais entre mais de duas pessoas. Acredito que esse fato contribuiu para a existência de críticas em seu blog à valorização do sexo em detrimento do amor. Em um desses comentários é afirmado que “o amor não tem nada a ver com sexo, carícias, erotismo e qualquer coisa do tipo, estamos baseando as relações no prazer sexual, isso é [um] grande mal para uma sociedade. O amor são atitudes intencionais de respeito e perdão”. Outro internauta acrescenta: “O sexo numa relação saudável é uma consequência e não um fundamento, e grande parte da sociedade tem colocado o sexo, sensualismo, fantasias e erotismo como base de uma relação. Quero ver na hora de uma crise no relacionamento se o sexo resolverá o problema e manterá a relação saudável e duradoura”.

Dentre os argumentos que justificam a recusa do poliamor está o de que a relação amorosa já é muito difícil envolvendo duas pessoas, por isso, um número maior ampliaria ainda mais os problemas. Ciúmes e competição por prioridade são vistos como consequências inevitáveis desse tipo de união. Outras críticas caminham em uma direção moral, de afirmação da existência de relações “certas” que seriam as com fidelidade monogâmica, em oposição às demais.

É, sobretudo, no depoimento de uma mulher que conta ter mantido duas relações ao mesmo tempo sem o consentimento dos parceiros que são encontrados os comentários mais depreciativos: “Logo logo será mais uma dessas solteironas beirando os 40 que ficam por aí reclamando que homem não presta etc. etc. É o destino que gente mau caráter como você merece. Busque tratamento psicológico e espiritual, e viva sozinha para garantir que ninguém mais sofra com seu comportamento”; “Mas não importa, o errado sempre será errado, não importa quantas pessoas aprovelem ou façam. A resposta para a pergunta é fácil: toma vergonha nessa cara e deixe o pobre homem cuja cabeça você enfeitou ir procurar uma mulher que seja digna de confiança e vá viver na devassidão que você deseja sem enganar os outros”. “O que vemos hoje é a mulher fazendo tudo o que ela condenava tempos atrás que era feito só pelos homens, mas antigamente isso tinha vários nomes, galinhagem, p..... etc. etc. Agora mudou de nome é igualdade KKKKKK”

Uma série de críticas também é dirigida especificamente à atuação de Regina Navarro Lins, enfatizando que ela tenta convencer os outros de que o certo é manter relações com mais de uma pessoa: “Pessoas como a pseudoterapeuta entendem que a complexidade do mundo cabe dentro das suas tacanhas compreensões”. “Cada um acredita no que quiser... O problema é querer espriar tua fé como a única possível... Charlatã!”. “O que percebo em todas as matérias que esta senhora escreve é que está querendo a todo momento colocar na cabeça das pessoas que o normal é sexo grupal e que é anormal sexo entre duas pessoas”.

As visões apresentadas diferem das de Regina Navarro Lins na medida em que concebem as transformações no âmbito da sexualidade e nas relações de gênero como uma forma de degeneração. A “libertação feminina” é negatizada, uma vez que é compreendida como a entrada num mundo de devassidão tipicamente masculino. Um comentário afirma que “está tudo de pernas pro ar!”; outro fala em “modinha de libertinagem”, reforçando a ideia de que os comportamentos não-monogâmicos são condenáveis e exemplos negativos para as novas gerações.

A defesa de uma ideia de “família tradicional” tende a vir acompanhada do foco na dignidade feminina. A expressão “não é mulher para casamento” é constantemente colocada em cena, reforçando o valor atribuído às mulheres que abrem mão dos desejos sexuais em nome do compromisso de exclusividade implícito no casamento. Em um depoimento, onde um homem está em dúvida se casa com uma mulher que deseja um relacionamento aberto, os comentários são enfaticamente contrários: “Infelizmente se ela pensa assim, não está preparada para formar uma família”. “Não é mulher para casamento, para ser mãe etc.... É mulher para diversão, mulher que se entrega a qualquer homem, não merece crédito”. “Amigo ABRA OS OLHOS E PROCURE SOLO FIRME PRA PASSAR A VIDA A DOIS”. “Dá licença, que casamento, vai ser este? Acho que uma pessoa, que se dispõe casar, deve querer respeito, fidelidade, cumplicidade, etc..., senão, não é casamento! Sai fora, enquanto é tempo...”.

As perspectivas mais críticas à superação da exclusividade afetiva e sexual dividem espaço com outras que concordam com Regina Navarro Lins. Em dilemas como “Amo os dois e não gostaria de ter que optar por um deles”, ao invés de críticas ao caráter individual dos envolvidos, a estrutura monogâmica passa a ser o alvo maior de questionamento, por isso é sugerido que não sejam feitas escolhas: “Fique com ambos e seja feliz”; “O amor liberta,

não aprisional”. “É uma pena ainda convivermos com uma linha de pensamento social que limita a capacidade de amar, ter e dar prazer”. “No futuro, vão olhar para esse nosso passado de posse e exclusividade e vão dar muita risada. Seremos motivo de chacota”. “Somos tão agregadores no amor fraternal, amamos vários irmãos, pais, primos, amigos. Mas quando chega no amor romântico, ficamos egoístas, exclusivistas, possessivos. Não entendo isso. Viva o poliamor!”. “Monogamia não é uma regra que tem de ser seguida; na verdade em muitos casos, é ela que destrói silenciosamente vários relacionamentos. Quem foi que inventou que pra ser feliz tem de ser monogâmico?”. “Se você não for honesta com seus sentimentos agora, você passará a vida toda pensando como seria se fosse, e isso, seria uma das maiores frustrações de sua vida”.

Além de críticas enfáticas e defesas entusiasmadas do poliamor, há posições intermediárias e que mostram maior ambiguidade. Do ponto de vista moral, concordam que a “honestidade” poliamorista é melhor do que a “hipocrisia” da infidelidade monogâmica. No entanto, avaliam que a prática poliamorista é incompatível com a sua estrutura psicológica. Nesse sentido, é considerada uma forma mais evoluída com a qual se gostaria de viver, mas que ainda não é possível para si: “Dividir requer um desenvolvimento emocional muito evoluído”. “Isso só acontece quando estamos amadurecidos”. “Na teoria acho lindo. Ecológico, colaborativo, generoso, etc. Mas e as inseguranças? O ciúme? Não é fácil...”. “Não alcancei ainda essa sintonia. Na próxima encarnação vale?”. “Ainda precisamos caminhar muito até chegar a esse degrau de evolução”. “Depois que vencer o desapego pode até ser”. “Na teoria sim... Na prática poucos vão conseguir”.

Uma estrutura hierárquica muito semelhante é construída pelos próprios poliamoristas, que veem os monogâmicos ocupando a base de uma pirâmide evolutiva. Quanto menos ciumento e possessivo, maior a chance de alcançar o topo da pirâmide, a “faixa preta” poliamorista (PILÃO, 2012b).

Em entrevista com lideranças da Rede Relações Livres foi manifestado um descontentamento com a visão da não-monogamia como restrita aos “mais evoluídos”. Essa representação os incomodaria por transmitir a ideia de que só alguns poderiam viver dessa forma, o que os tornaria diferentes e exóticos. Uma vez que o objetivo final do grupo seria acabar com a monogamia, tornando possível para todas as pessoas vivenciarem seus afetos e sexualidade de forma autônoma, a afirmação da dificuldade e da seletividade do caminho adotado contrariaria esse objetivo. A ênfase estaria em mostrar que é a monogamia que é difícil, dolorosa, contraditória e opressora. Libertar-se de uma estrutura repressora que está em crise, que não funciona, não poderia ser considerado um ato extraordinário, mas uma consequência inevitável das transformações sociais, portanto, uma decisão bastante lógica.

Esse debate entre “monogâmicos” e “não-monogâmicos” revela certas similitudes entre os grupos, como o fato de não serem só os não-monogâmicos que relatam sentir desejos por mais de uma pessoa ao mesmo tempo. O que parece estar em questão é o estatuto desses desejos, o que deve ser feito com eles, seus significados e suas implicações.

O conflito central está em torno da aceitação ou não da liberdade sexual e amorosa dos parceiros. O anseio por ser “único” e a ênfase na segurança emocional, que seriam proporcionadas pela “posse” integral do sujeito amado, são possivelmente o entrave mais fundamental à prática do poliamor e de outras formas de não-monogamia. Por isso, monogâmicos revelam “abrir mão” dos próprios desejos por terceiros (ou os realizarem em segredo) para evitarem o mal maior que seria a perda da exclusividade do parceiro.

Nessa discussão reside parte da complexidade das representações sociais do poliamor. Sua ambiguidade está no fato de que o desejo por mais de um relacionamento afetivo e sexual não é visto como um absurdo. Em contrapartida, o elemento considerado surpreendente na posição poliamorista é a aceitação da liberdade do parceiro. Em outras

palavras, querer ser livre para ter quantas relações desejar, embora moralmente questionável, é bem mais compreensível do que aceitar essa mesma liberdade para os seus parceiros. Portanto, a própria liberdade, vista como um “ganho”, se contradiz com a concessão de liberdade aos parceiros, vista como uma “perda”. Nesse dilema, nem a monogamia e nem o poliamor conseguiriam atender aos anseios por um relacionamento amoroso ideal.

Procurei mostrar que são diversas as posições entre a monogamia e o poliamor e que apenas parte dos pesquisados diz estar conciliada com um desses extremos. O que já havia sido possível observar em grupos não-monogâmicos (PILÃO, 2012a) torna-se ainda mais evidente ao analisar os debates em redes sociais estimulados pela atuação de Regina Navarro Lins. Embora uma parcela se apresente como inteiramente monogâmica ou poliamorista, percebendo o oposto como injusto e inviável, há predomínio de posições intermediárias que reconhecem vantagens de ambos os lados e que não expressam uma identificação completa, nem com o poliamor, nem com a monogamia.

VI - Regina Navarro Lins segundo não-monogâmicos

Entrevistas, reportagens e o livro “A Cama na Varanda” são divulgados e comentados com entusiasmo entre alguns membros de grupos não-monogâmicos. Também é bastante comum ler depoimentos de pessoas que conheceram o poliamor e se tornaram poliamoristas a partir do contato que tiveram com o discurso de Regina Navarro Lins. Em pesquisa realizada, no final 2014¹⁰, quando perguntando se já haviam ouvido falar em poliamor e quando e como teria ocorrido, são encontradas novamente referências a ela.

Algumas discussões são geradas a partir da divulgação de suas matérias, mensagens e entrevistas. Embora haja certa euforia, ela tende a se concentrar, sobretudo, entre aqueles que conhecem as ideias de não-monogamia a partir dela. Entre os outros, as reações são mais variadas, envolvem um apreço por existir uma figura pública que expresse aquilo que pensam, mas há também um tom de lamento por acreditarem que ela aborda certos temas de forma simplificada ou até mesmo equivocada.

O papel de Regina Navarro Lins parece incidir mais sobre o processo de legitimação e publicização de críticas à monogamia, visibilizando algumas alternativas. Assim, seria aos monogâmicos e àqueles que não se adequam à monogamia, mas que ainda não conhecem uma alternativa viável, que suas contribuições seriam mais sensíveis. Nesse sentido, uma pesquisada afirma que:

“Acho importante a Regina Navarro na Globo, UOL e etc... Pelo menos dissipa a ideia! Tudo bem que tem todas aquelas questões do simplismo na maior parte das abordagens, mas já vale algo! (...) acho que abre, nem q seja um pouquinho, a cabeça. Principalmente se a pessoa nunca teve contato com o assunto”.

Aos já inseridos no meio não-monogâmico, o auxílio seria indireto, contribuindo na interação com o mundo monogâmico, ampliando sua visibilidade e a aceitação do poliamor, com a vantagem de sua voz ser mais poderosa do que a deles individualmente. Ser uma especialista, autora de vários livros, psicanalista e sexóloga, é um aspecto recorrentemente lembrado como motivo de exaltação. Apesar disso, é perceptível no meio não-monogâmico que os argumentos são apenas em alguns casos legitimados a partir de discursos de especialistas, ressaltando, sobretudo, as pessoas que sofrem opressões e que têm experiência prática com as relações não-monogâmicas.

¹⁰ Questionário aplicado em 480 homens e mulheres, moradores do Rio de Janeiro e com nível superior concluído ou em andamento.

A visibilidade de Regina Navarro Lins contribui para que os grupos não-monogâmicos busquem estabelecer uma aproximação¹¹, de modo a usarem essa visibilidade como uma forma de aumentar sua exposição. Nesse sentido, se é muito em função do poliamor que Regina Navarro Lins se insere no debate público, os poliamoristas parecem se valer desse processo de personalização da ideologia para ampliarem o alcance de suas vozes.

A representação que Regina Navarro Lins faz das relações não-monogâmicas também tem a sua dimensão conflituosa, por suplantarem a dos não-monogâmicos. Essa dimensão parece ser importante na medida em que há no meio não-monogâmico um foco na produção de conhecimento, revelação de verdades sobre o mundo e de marcação de posições. Os poliamoristas como os RLis se veem como teóricos, valorizam suas próprias visões e estão a todo momento colocando-as à prova em discussões nos grupos.

Nesse sentido, tais grupos procuram delimitar até onde a atuação dela é compreendida como justa e contribuinte para a causa. As principais áreas deveriam ser o consultório e a mídia a fim de combater posicionamentos tradicionais e convencer alguns monogâmicos e indecisos. A partir desse processo de “triagem”, de primeira apresentação, impactante, mas superficial, entraria a ação dos verdadeiros especialistas, isto é, os poliamoristas e RLis.

Essa leitura de complementariedade do trabalho realizado por Regina Navarro Lins e os grupos não-monogâmicos fica ainda mais clara com as entrevistas realizadas com organizadores do grupo Rede Relações Livres. Foi afirmado que ela atua em uma área em que eles não têm interesse, em espaços públicos mais conservadores, servindo muitas vezes como um “portal de passagem” para pessoas que vivem a crise da monogamia e não sabem que caminho tomar:

“Regina tem um trabalho importante para uma camada que é diferente da nossa; a Regina trabalha com o nível intermediário, digamos que ela é um portal de passagem; a Regina trabalha com a crise da monogamia e não com a não-monogamia. Ela faz isso muito bem, esse nozinho de arremate, da galera que a gente não quer trabalhar, com quem tá em crise, a gente quer trabalhar com quem sabe que quer estar aqui”.

Para além de discussões que são iniciadas com frases de Regina Navarro Lins, há uma série de intervenções em grupos não-monogâmicos de crítica ao seu trabalho. O livro “A Cama na Varanda” é alvo de acusações de erros em referências a eventos históricos. Um dos casos discutidos se refere a citações bíblicas. Tais erros teriam contribuído para desencorajar a continuação da leitura:

“Se a pessoa não foi checar uma informação tão fácil de ser checada (qq lugar tem bíblia. É só pegar e ver) será que ela foi checar as outras fontes? Aí comeci a ler o resto do livro com desconfiança... e quando tinha algum fato histórico fantástico eu ficava desconfiada. Aí parei”.

A abordagem histórica sobre a evolução do casamento e do patriarcado também é desvalorizada. Questiona-se um simplismo no estabelecimento de causalidades para questões muito complexas. Nesse sentido, um poliamorista argumenta: “Costumo fugir de qualquer explicação que tenda a definir uma única causa para fenômenos facilmente identificáveis como complexos”. Outra acrescenta: “Psicoevolutiva é furada, não caia nessa”.

¹¹ Em setembro de 2012 foi realizado o encontro anual da RLi, em Porto Alegre, com a sua participação. No grupo Amor Livre, de São Paulo, em 2014 discutiam sobre a que atividade poderiam convidá-la a participar. A Pratique Poliamor RJ organizou em 2015 uma rifa com um livro autografado por ela.

As afirmações de Regina Navarro Lins a respeito do ciúme também foram alvo de divergências:

“O ciumento, geralmente, é quem apresenta duas características fundamentais: baixa autoestima e incapacidade de ficar bem sozinho. Quem é inseguro não se acha possuidor de qualidades e tem imagem desvalorizada de si próprio, teme ser trocado por outro a qualquer momento”.¹²

A discordância se deu com a relação necessária estabelecida entre ciúme e insegurança, afirmando que existem também outras causas. Soma-se a esse aspecto o fato de acreditarem que a abordagem enfatiza excessivamente a ação individual, perdendo a perspectiva de que o medo da solidão de alguns grupos seria também resultado de uma estrutura social opressora: “Me incomoda bastante pensar relações num vácuo, onde parece que as pessoas existem fora da sociedade”.

Por fim, cabe ressaltar que há certo incômodo com o fato de Regina Navarro Lins privilegiar a dimensão sexual quando aborda as contradições da monogamia. A suposta associação do poliamor a aventuras sexuais contribuiria para deslegitimar os vínculos amorosos estabelecidos e a “seriedade” de suas uniões, aparentando serem puro hedonismo.

VIII - “Abaixo a repressão sexual”

A crítica ao casamento monogâmico pautada na “repressão sexual” não é uma novidade trazida pelas atuais manifestações não-monogâmicas. O médico e psicanalista Wilhelm Reich (1897-1957) foi uma das mais importantes referências, no século XX, da defesa da “libertação” ou da “revolução” sexual, como intitulado em uma de suas mais importantes obras¹³. Regina Navarro Lins afirma ter sido bastante influenciada pelo autor, citando dezenas de vezes algumas de suas ideias em livros, coluna, blog e Facebook.

Inspirada em Reich, Regina Navarro Lins atribui uma influência sempre perversa da “religião” e da “sociedade” sobre a liberdade sexual, empregando em suas análises as ideias de “miséria” e de “repressão” sexual defendidas pelo referido autor. Há, nesse sentido, a atribuição de um papel negativo à sociedade que impediria um pleno e livre exercício da sexualidade. Nessa linha de pensamento, o patriarcado seria sempre proibitivo do prazer sexual, enquanto as sociedades matriarcais proporcionariam a sua expansão¹⁴. Essa visão é constantemente reproduzida por Regina Navarro Lins, com a diferença de que, para ela, a década de 1970 teria iniciado um processo de declínio do patriarcado.

¹² Disponível no dia 09.12.2015 em: <http://reginanavarro.blogosfera.uol.com.br/2014/03/25/homens-sao-tao-ciumentos-quanto-as-mulheres/>

¹³ O livro foi originalmente publicado em alemão, em 1936, com o título *Die Sexualität im Kulturkampf*. Em inglês, desde 1945, foi traduzido como: *The Sexual Revolution: Toward a Self-Governing Character Structure*. Em português, todas as edições utilizaram como título apenas “A revolução sexual”.

¹⁴ “A sociedade primitiva matriarcal não conhece miséria sexual da juventude; muito pelo contrário, todos os relatórios, sejam eles de missionários, ou de investigadores sérios (...) consignam o fato de que os ritos de puberdade introduzem os adolescentes numa vida sexual plena ao atingirem a maturidade sexual; que em muitas dessas sociedades selvagens se dá grande importância ao prazer sexual; que a consagração da puberdade é um grande acontecimento social; que alguns povos primitivos não somente não limitam a vida sexual dos jovens, mas a fomentam de todas as maneiras, isto é, pela instalação de casas comunitárias para as quais os jovens se mudam para a finalidade de relações sexuais. Também nas sociedades primitivas em que já existe a instituição do casamento rigorosamente monogâmico, a juventude, desde antes de atingir a maturidade sexual até o casamento, tem o direito a relações sexuais completamente livres. Nenhum desses relatos contém indicações de miséria sexual ou de suicídios de jovens em virtude de amor infeliz” (Wilhelm Reich, 1968, p.63).

É inevitável nesse debate lembrar a crítica de Michel Foucault (1976) à ideia de negatividade do poder e à teoria repressiva. O filósofo defende ser uma ilusão a interdição do sexo como o elemento fundamental da história das sociedades modernas. Ao invés de efetivamente repressivas, limitadoras e impeditivas, Foucault argumenta que tais interdições teriam favorecido uma incitação e multiplicação das sexualidades disparatadas.

É interessante observar que o discurso da miséria sexual burguesa descrito por Reich e repetido por Regina Navarro Lins não comporta essa dimensão “positiva” e “criativa” do poder. A sociedade capitalista é vista como má e autoritária porque reprime sexualmente homens e mulheres e essa repressão é vista como eficiente e geradora de graves efeitos psíquicos, somáticos e sociais.

Nesse sentido, predominou no discurso de Regina Navarro Lins a denúncia da repressão da sexualidade e os seus efeitos, mas que raramente apontou alternativas viáveis ou que estivessem em curso. Essa tendência “denuncista” foi rompida com o seu conhecimento do poliamor. A partir de então, observa-se, além de uma atitude crítica mais direcionada à monogamia e não à “repressão sexual” de forma genérica, a nomeação, exemplificação e incitação de alternativas vistas como superiores à vida monogâmica. A partir do poliamor, Regina Navarro Lins passou a argumentar que a monogamia estaria “saindo de cena”. Os poliamoristas seriam a “prova viva” de que, finalmente, caminharíamos no sentido do triunfo da liberdade sobre a repressão sexual, o amor romântico e o patriarcado.

Ademais de mostrar que o contato com o poliamor produziu mudanças na abordagem de Regina Navarro Lins sobre a “repressão sexual”, é importante destacar que Wilhelm Reich não era, como os poliamoristas, um crítico convicto da monogamia. Portanto, a sua interpretação dessa instituição é bem menos condenatória do que se tornou a de Regina Navarro Lins a partir do momento em que ela incorporou elementos do discurso de poliamoristas.

Embora a monogamia tenha se tornado um componente importante dessa interpretação repressiva da sexualidade na leitura de Regina Navarro Lins, em Reich há uma visão mais ambígua sobre o tema, condenando em maior escala a indissolubilidade dos vínculos monogâmicos do que a monogamia em si. Em determinado ponto de sua argumentação, ele chega a afirmar que a monogamia pode não ser resultado de “repressão”, mas da busca por repetir com um único parceiro o “verdadeiro prazer”¹⁵.

Com isso, procuro reforçar a ideia de que os discursos de Regina Navarro Lins sobre casamento e sexualidade sofreram mudanças significativas com o surgimento do fenômeno poliamoroso no país. Assim, ao mesmo tempo em que ela teve um papel decisivo na publicização do poliamor no Brasil, modificou-se nesse processo, incorporando certos elementos do discurso poliamorista, de modo a dirigir suas críticas mais diretamente à monogamia e a defender a construção de múltiplos vínculos afetivos e sexuais de forma concomitante e consensual.

¹⁵ “Fica demonstrado que pessoas que adquirem a capacidade de satisfação orgástica se tornam muito mais capazes de relações monogâmicas do que aquelas cuja capacidade de descontraimento se encontra perturbada. No entanto, seu comportamento monogâmico não se baseia na inibição de impulsos poligâmicos ou em considerações morais, mas no princípio sexual-econômico de experimentar o verdadeiro prazer e satisfação sexual sempre de novo com o mesmo parceiro” (Wilhelm Reich, 1968, p.21).

Considerações finais

A escolha por analisar a trajetória de Regina Navarro Lins se deve ao papel de protagonismo que desempenhou na construção de um debate sobre relações não-monogâmicas no Brasil. Foi a partir da publicação de uma nova edição do livro “A Cama na Varanda” que o tema começou a ganhar visibilidade na mídia.

As declarações de Regina Navarro Lins foram representadas como “polêmicas” e “à frente do seu tempo”. Acredito que, por isso, geraram repercussão e tiveram espaço em colunas de jornal e na internet. Em torno dela, portanto, se construíram debates morais, onde os mais progressistas a viram como um ícone e uma voz em defesa da liberdade sexual. E os mais conservadores a acusaram de defender a “promiscuidade” e a “destruição da família” e dos “bons costumes”.

Entre os não-monogâmicos foram recorrentes os discursos de exaltação da atuação pública de Regina Navarro Lins e aqueles que relataram terem tomado conhecimento do poliamor a partir dela. Embora reconhecida como uma representante da ideologia não-monogâmica, também foi criticada por não-monogâmicos por simplificar alguns debates, por equivocar-se e por privilegiar em demasia a dimensão sexual sobre a amorosa.

Procurei mostrar como se transformou a abordagem de Regina Navarro Lins em relação à exclusividade afetivo-sexual. Ela já ocupava um papel relevante na mídia em 2006-7, de modo que não começou a ganhar notoriedade a partir do momento em que conheceu o poliamor, mas contribuiu para que esse debate fosse colocado em pauta. Nesse momento, as primeiras discussões sobre o tema restringiam-se a grupos na internet, atingindo a esfera pública, quase sempre, associados a ela.

Embora não seja possível afirmar que foi a partir do poliamor que ela iniciou a sua crítica à monogamia, a defesa pública de poliamoristas contribuiu para intensificar essa crítica. Isso se deve ao fato de que predominava em seu discurso a defesa da infidelidade - sem a necessidade da revisão do pacto monogâmico - passando então a fazer referência à possibilidade de romper a exclusividade afetivo-sexual de forma consensual entre todos os envolvidos.

Mostrei também que, com base em Reich, Regina Navarro Lins atribui uma influência sempre perversa da “religião” e da “sociedade” sobre a liberdade sexual. As ideias, defendidas por aquele autor, de “miséria” e de “repressão” sexual associadas ao patriarcado, também foram importantes na sua abordagem. Em um primeiro momento, predominou no discurso de Regina Navarro Lins a denúncia da repressão da sexualidade e os seus efeitos, mas que raramente apontou alternativas viáveis ou que estivessem sendo construídas. No entanto, com o descobrimento do poliamor, ela passou a argumentar que a monogamia estaria “saindo de cena” e que os poliamoristas seriam a “prova viva” de que, finalmente, caminharíamos no sentido do triunfo da liberdade sobre a repressão sexual.

Por fim, é importante mencionar que a contundente defesa da liberdade no discurso de Regina Navarro Lins reforça a tese desenvolvida anteriormente sobre as especificidades do poliamor no Brasil (PILÃO, 2015). Enquanto nos Estados Unidos e na Europa, o foco estaria na construção de relacionamentos baseados, sobretudo, na defesa da igualdade, da mutualidade e da negociação, no Brasil predominaria uma ênfase na liberdade e na espontaneidade, considerando negociações e regras como entraves para uma expressão mais genuína dos afetos e da sexualidade.

Referências

CARDOSO, D. *Amando vári@s – Individualização, redes, ética e poliamor*. Tese de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 2010.

FOUCAULT, M. *Histoire de la Sexualité I: la Volonte de Savoir*, Gallimard, 1976.

LINS, R.N. *A cama na varanda. Arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo*. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

PILÃO, A.C. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Ártemis*, v. 13, p. 61-73, 2012.

_____. Poliamor e bissexualidade: idealizando desvios. In: *Anais do 36º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 2012.

_____. Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 44, p. 391-422, jun. 2015.

REICH, W. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

RITCHIE, A. e BARKER, M. 'There aren't words for what we do or how we feel so we have to make them up': Constructing polyamorous languages in a culture of compulsory monogamy. *Sexualities*, 9(5) pp. 584–601, 2006.